

AS ORIGENS DA REVISTA *LUSITANIA SACRA*

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO *

A revista *Lusitania Sacra* nasceu à procura de um Centro. Para lhe descrever as origens não há arquivo, mas notícias. Será a partir destas que alinharei as informações recolhidas. A formação de vários eclesiásticos no estrangeiro e o contacto com experiências de centros de investigação e com a edição de revistas dedicadas à área da história religiosa desafiaram um conjunto de historiadores para lançar em Portugal algo de semelhante.

Havia uma tradição de clérigos eruditos produtores de história local ¹ que podemos remontar até ao Abade de Tagilde, P. João Gomes de Oliveira Guimarães (1853-1912) e Abade de Baçal, P. Francisco Manuel Alves (1865-1947). A geração que lançava a nova revista conhecia o prolífero cultivo do espírito histórico do Prof. António Ribeiro de Vasconcelos (1860-1944), que fez a passagem da improdutiva Faculdade de Teologia para a Faculdade de Letras de Coimbra. Fortunato de Almeida (1869-1933), leigo capaz de erguer os oito volumes da monumental *História da Igreja em Portugal*, tinha falecido em 1933. Em 1956, já não eram vivos alguns dos nomes mais fecundos para a historiografia religiosa: o jesuíta Luís Gonzaga de Azevedo (1867-1930), trabalhador da história da Ordem, desfazendo lendas; Mons. José Augusto Ferreira (1860-1944), colecionador de memórias e fastos de Braga e do Porto; o Autor do *Elucidário madeirense* (Funchal, 1921), P. Fernando Augusto da Silva (1863-1949); o apurador de factos com base sólida, Dr. Alfredo Pimenta (1882-1950); o sábio medievalista Pierre David (1882-1955); o jesuíta P. Francisco Rodrigues (1873-1956), com a obra fundamental, em moldes modernos, *História da Companhia de Jesus*

* Membro e segundo Director do CEHR (1992-2001).

¹ Ver mais informações em PEREIRA, Fernando Jasmins – Actividade no domínio de História. *Laikos*. 7 (1984) 549-579.

na assistência de Portugal (Porto, 1931-1950). Estava já no fim da carreira P. Carlos da Silva Tarouca, SI (1883-1958), estudioso dos manuscritos da Casa do Cadaval e do Cabido da Sé de Évora. Terminaram a sua vida nos anos 60: Cón. Manuel Aguiar Barreiros (1874-1961), dedicado à arqueologia e história da arte, sobretudo de Braga; Cón. José Augusto Pereira (1885-1967?), que se ocupou do estudo das ilhas dos Açores e Mons. José de Castro (1886-1966), com pesquisa nos arquivos do Vaticano e fornecedor de imensas pistas para olhares mais profundos e com nova hermenêutica.

O que fez esta gente dar o salto do individualismo para o congregar de energias?

Em 1952, o belga L. Willaert, SI, presidente da *Commission Internationale d'Histoire Ecclésiastique Comparée*, integrada no Comité Internacional de Ciências Históricas, enviou um pedido para que se organizasse em Portugal uma Comissão, à semelhança do que ocorria em vários países. Motivação próxima para a criação de um Centro cresceu nesta denominada Comissão Nacional, criada por portaria do Ministério da Educação Nacional. Faziam parte dessa Comissão: Miguel de Oliveira (1897-1968), Salvador Manuel Dias dos Santos Arnaut (1913-1995), António Silva Rego (1905-1986), António Brásio (1906-1985) e Avelino de Jesus da Costa (1908-2000) ². Foi a consciência inquieta deste grupo a germinar o projecto de um Centro. As razões são claramente expressas numa espécie de manifesto publicado por Jesus da Costa no *Diário do Minho* e transcrito no *Jornal Novidades*. Aponta três objectivos para a nova instituição: 1) o conhecimento da ausência de publicações de história da Igreja com critérios científicos, baseados em sólida documentação; 2) a visão crítica do estado cultural do clero dado por ignorante, apesar de contar com muitos homens cultos; 3) o pedido de participação nos Congressos internacionais de ciências históricas. Foi esta a última gota que proporcionou o avanço firme do que já estava no sonho. De facto, envergonhava-os a ausência de apresentação de trabalhos no X Congresso Internacional de Ciências Históricas em Roma, entre 4 e 11 de Setembro de 1955. Aí estiveram os portugueses Torquato de Sousa Soares (1903-1988), Virgínia Rau (1907-1973) e, como representante da Comissão portuguesa sem participação activa, o P. Dr. António da Silva Rego. Ao contactar com o que se realizava noutros países, a ideia da criação de um centro e de uma revista aparecia não só desejável, mas bem possível e viável. Impulsionou os pioneiros a necessidade

² Cf. Centro de Estudos de História religiosa. *Novidades*. n. 19780 (22 Dezembro 1955) 1, 7. Transcrito do *Diário do Minho*.

imediate de preparar uma digna participação no Congresso de Estocolmo, a realizar em 1960. Para conhecer as impressões recolhidas por Silva Rego no recente Congresso romano, a Comissão Nacional reuniu-se a 24 de Novembro de 1955. Era chegada a hora de desenvolver em Portugal os estudos de história eclesiástica. Transmitida a ideia ao Cardeal Patriarca, é acolhida com entusiasmo e transmitida por Miguel de Oliveira, em carta de 25 de Novembro, a Avelino de Jesus da Costa. Para anunciar tal desiderato é feito um convite, no jornal *Novidades*³, a todos os padres e leigos interessados em história da Igreja que queiram participar numa reunião, no dia 5 de Janeiro, às 15 horas, em sala anexa à Igreja de São Nicolau. Essa pode considerar-se a reunião fundante. Aí decidiram criar o Centro de Estudos de História Eclesiástica e iniciar a publicação da revista com o apoio do Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que os recebeu no dia 6, pelas 17.30 horas.

Quem aderiu? P. Dr. Gustavo de Almeida (Prior de S. Nicolau), que só publicou livros de piedade, P. Doutor Bernardo Xavier Coutinho (1909-1987) (Porto), Dr. António Cardoso Cunha (1915-2004) (Lamego), depois nomeado bispo auxiliar de Beja, António Joaquim Dias Dinis, OFM (1903-1980). Estiveram beneditinos (José Mattoso), franciscanos [(F. Félix Lopes (1902-1990)], dominicanos (Raul de Almeida Rolo?), capuchinhos, jesuítas [Serafim Leite (1890-1969)?; Domingos Maurício Gomes dos Santos (1896-1978)?] e espiritanos.

Manifestaram vontade de colaborar: Marquês de Rio Maior (1878-1970), Conde de Azinhaga (José Pedro de Saldanha Oliveira e Sousa (1894-1960), P. Mário Martins, S.I., P. Dr. Domingos de Pinho Brandão (1920-1988), P. Manuel António Bernardo, Dr. Artur de Magalhães Basto (1894-1960), P. J. Quelhas Bigote (1915-1997), Torquato de Sousa Soares, professor em Coimbra, e P. Eugénio Martins, que apenas publicaria obras de história geral da Igreja. O *Novidades* elenca ainda novas adesões: Henrique Barrilaro Ruas (1921-2003), José Sebastião da Silva Dias (1916-1994), António Cruz (1911-1989), Costa Brochado (1904-1989), António Gomes da Rocha Madahil (1893-1969), e outros professores de História [António Alberto Banha de Andrade (1915-1982)?], [Maur Cocheril (1914-1982)?]. Aderiram à iniciativa por escrito o Cón. Dr. Manuel Almeida Trindade (1918-2008) e o Dr. Eurico Dias Nogueira, futuramente bispos. Aplaudiu a iniciativa o Núncio Apostólico.

³ Aparece também no dia 30 de Dezembro de 1955.

Mons. Miguel de Oliveira foi escolhido para presidir à Comissão e logo sugeriu para agregar a si Avelino de Jesus da Costa, António Silva Rego e António Brásio. Para a Comissão de Redacção da revista, além da Comissão organizadora do Centro, na reunião foram indicados os nomes de Bernardo Xavier Coutinho e Mário Martins.

A Comissão Executiva, com alguns dos assistentes, foi recebida no dia 6, pelas 17,30 horas, por D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Há fotografia deste encontro. Aí Miguel de Oliveira expôs as resoluções tomadas na assembleia. Nas suas palavras ressentiu-se a perspectiva apologética que viviam: contrapor à historiografia liberal e comunista uma produção historiográfica independente e científica. Na resposta, o Cardeal Cerejeira enalteceu o carácter prometedor e sublinhou a necessidade há muito sentida de tal iniciativa.⁴ Considerou ser um dia de esperança e abençoou os cabouqueiros do empreendimento.

Na primeira metade do século XX, vários países produziam estudos baseados já numa concepção nova de historicidade, capaz de ultrapassar a visão historicista em que alguns embatiam. O debate cultural dos meados do século tinha como objecto a aplicação à investigação histórica da adquirida visão da historicidade da revelação e do dogma, ultrapassando a paralisante “questão modernista”. As palavras introdutórias de D. António Ferreira Gomes, no primeiro número da Revista, fazem eco desta problemática e situam o novo centro como serviço a uma visão emergente.

O título de *Lusitania Sacra*, proposto por Miguel de Oliveira para a revista do Centro, foi aprovado por quase unanimidade, porque se fundava em termos já marcados por tradição. De facto, a Academia Real da História, criada em 1720, recorria a essa nomenclatura ao desejar escrever a história eclesiástica do Reino, como informa Manuel Caetano de Sousa. Foi também com essas palavras que o conhecido oratoriano António Pereira de Figueiredo intitulou uma obra inédita, em quatro volumes, conservada na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa: *Lusitania Sacra /isto he antigo, moderno, novíssimo,/ e actual estado da Igreja/ de Portugal, em quanto/ às origens, numero, e divisões dos bispados*⁵.

A necessidade de um centro visava, na reunião constituinte, os seguintes objectivos “que estimule vocações, que oriente e coordene esforços, que garanta, finalmente, a possibilidade de um trabalho sério e continuado,

⁴ Crónica. Centro de Estudos de História Eclesiástica. *Lusitania Sacra*. 1 (1956) 296.

⁵ Cf. Crónica, p. 297-298.

prestando até assistência financeira aos investigadores e publicando-lhes as obras”⁶. O grupo liderado por Miguel de Oliveira clarifica o sentido da criação: “O Centro não pretende ser um biblioteca ou arquivo, nem uma escola de formação técnica nem uma Academia para laurear investigadores já consagrados. Terá, porém, de ser um pouco de tudo isso...”⁷ Para os fundadores, a operacionalidade de um centro requeria que viesse a constituir um anexo de um Instituto de cultura católica. Ora a Faculdade de Teologia da Universidade católica só abriria a 4 de Novembro de 1968. Pôr de pé um Centro de Estudos seria portanto obra para mais tarde. O Centro não seria organizado por Monsenhor Miguel de Oliveira, porque os Estatutos seriam redigidos por Cónego Isaiás da Rosa Pereira (1919-1997) e aprovados canonicamente apenas em 29 de Dezembro de 1972. A aprovação civil viria a 15 de Fevereiro de 1973⁸.

Quem eram os fundadores da revista *Lusitania Sacra*, constituintes da Comissão de redacção?

Miguel de Oliveira (1897-1968), padre da diocese do Porto, com gosto inato pela história, é chamado a Lisboa para se dedicar ao jornalismo. Continua a investigar e publica em 1940 a sua síntese *História Eclesiástica de Portugal*. Em 1951 é membro da Academia Portuguesa da História.

António Silva Rego (1905-1986), nascido em Joane (Famalicão) partiu para Macau aos 11 anos. Encarregado de estudar as missões portuguesas do Oriente licenciou-se em Ciências históricas na Universidade de Lovaina em 1942. Em 1956 tinha já vasta obra publicada.

António Brásio (1906-1985), padre da Congregação do Espírito Santo, nascido numa aldeia do concelho de Penela, dedicou-se à história missionária portuguesa. A sua grandiosa colectânea *Monumenta Missionaria Africana* tinha sido iniciada em 1952.

Avelino de Jesus da Costa (1908-2000), padre da diocese de Braga, concluiu, em 1951, a licenciatura em Ciências históricas e filosóficas pela Universidade de Coimbra. Em 1952 é contratado para Assistente e preparava o doutoramento sobre o bispo D. Pedro, defendido em 1960.

⁶ COSTA, Avelino de Jesus da – Centro de Estudos de História Eclesiástica e revista *Lusitania Sacra*. *Lusitania Sacra*. 8 (1967-1969) 22.

⁷ *Ibidem*, p. 24.

⁸ O último número da primeira série da revista sairia em 1978. Só a 1 de Dezembro de 1984 seria integrado na Faculdade de Teologia e teria nova direcção a 26 de Fevereiro de 1988. Aí se decide retomar a publicação.

Mário Martins (1908-1990), jesuíta nascido no concelho de Torres Novas, tinha já editado as *Correntes de Filosofia em Braga dos séculos IV a VIII* em 1950 e publicaria, exactamente em 1956, os clássicos *Estudos de Literatura medieval*.

Bernardo Xavier Coutinho (1909-1987), padre da diocese do Porto, nascido em Ferreirim (Sernancelhe), frequentou a Universidade de Lovaina entre 1930 e 1935, onde estudou Filologia românica e Ciências Históricas. Defendeu tese de doutoramento em 1938.

A idade dos membros deste grupo rondava entre os 59 e os 47 anos. Cada um já tinha dado provas na investigação e não incluía nenhum leigo. Reuniam-se para produzir uma revista, mas não tinha chegado o momento de levantar um Centro de Estudos. Esse lugar caberia a outros.